

Entrevista concedida à Revista IHU online

Lucia Santaella

Muito se fala hoje das redes sociais online. A partir desse fenômeno atual, como o conceito de rede e suas manifestações na vida social nos ajudam a entender a contemporaneidade?

R: A contemporaneidade tem sido chamada de pós-modernidade, modernidade pós-industrial, segunda modernidade, modernidade líquida, hipermodernidade. Embora pareçam distintos, os nomes convergem no reconhecimento de que algo muito novo está ocorrendo em nossa civilização como um todo o que faz por merecer uma nomenclatura também nova. A globalização sinalizou mudanças no modo de produção capitalista e na geopolítica internacional. Essas mudanças coincidiram com o advento da revolução digital. Seu rápido desenvolvimento nos leva hoje a constatar que a história, a economia, a política, a cultura, a percepção, a memória, a identidade e a experiência estão todas elas mediadas pelas tecnologias digitais. Elas penetram em nosso presente não só como um modo de participação, mas como um princípio operativo assimilado à produção humana em todas as suas áreas. A ponta do iceberg da revolução digital, aquela que se apresenta mais claramente à percepção, é a internet, a rede das redes. Nos primeiros tempos da internet, meados dos anos 1990, no estágio da Web 1.0, as questões mais evidentes eram a digitalização, a convergência das mídias, a hipermídia, a interface, o ciberespaço, a interatividade, todos eles componentes da emergente cibercultura. Hoje, em plena Web 2.0, já entrando no estágio da Web 3.0, as novas palavras-chave são: blogosfera, wikis e redes sociais digitais, estas últimas incrementadas pela explosão da comunicação móvel. Também chamadas de redes de relacionamento, as redes sociais são plataformas ou *softwares* sociais" com aplicação direta para a comunicação mediada por computador. As características primordiais dessas redes encontram-se na heterogeneidade, na diversidade, nos fluxos ininterruptos de interações, nas conexões planetárias. Por isso mesmo, podem ser tomadas como um dos grandes índices que nos fornecem pistas para compreender a contemporaneidade.

Como os processos comunicacionais das redes sociais da Internet tensionam as subjetividades e identidades dos usuários? Por outro lado, como se dá a relação com a alteridade nesses ambientes?

R: Esse é justamente o tema do meu projeto de produtividade em pesquisa subsidiado pelo CNPq. Transcrevo aqui o enunciado desse projeto, pois ele já funciona como um caminho de resposta para essa questão. Os processos comunicativos, que rizomaticamente se tecem nas redes sociais digitais, deixam perceber, entre seus

aspectos mais relevantes, a intensificação do poder de produção de subjetividade que neles está emergindo devido principalmente aos novos formatos de relações intersubjetivas que as redes propiciam. São construções intersubjetivas que estão prioritariamente baseadas em princípios participativos, de reciprocidade, confiança, compartilhamento, solidariedade. Embora seja verdade que as redes são também lugares de risco, as redes sociais funcionam porque existe um pacto, mesmo que inconsciente, de confiança. Portanto, a grande maioria das relações com o outro nas redes não se pauta por relações de agressividade, mas, ao contrário, existe uma net-ética implícita que, na maior parte das vezes, funciona. Isto se explica porque as redes se comportam como sistemas adaptativos complexos.

Qual a sua análise das recentes mobilizações políticas no Oriente Médio, Madri, Londres, Wall Street e em nível global (como o 15-O) e os novos fluxos comunicacionais possibilitados pela Internet? Como conceitos caros às redes – como colaboração, ubiquidade etc. – ajudam a moldar a política contemporânea?

R: Essas mobilizações políticas, também chamadas de ativismo político nas redes, só estão demonstrando a diversidade de usos das redes. Elas não se prestam apenas ao entretenimento e ao relacionamento inconsequente, mas também à intervenção na realidade política em instantes cruciais e de perigo, para usar essa ideia tão cara a Walter Benjamin, nas suas teses sobre a filosofia da história. O mais importante é que esse ativismo age como promessa que se cumpre de mudanças sociais. Não se pode excluir o poder das redes, um poder multifacetado, sempre ad hoc e imprevisível, do funcionamento político contemporâneo

Do corpo protético ao biocibernético (e além), por quais transformações o corpo vem passando a partir das novas tecnologias?

R: O embrião da ideia de que as tecnologias produzem transformações no nosso corpo e nos nossos sentidos já vem de McLuhan, na sua obra sobre Os meios como extensões do homem. Para McLuhan, a televisão afeta o nosso sistema nervoso central. Isso já teve início com a fotografia e o cinema. Por exemplo, nosso olho nu não é capaz de visualizar um *close up*. Passamos a adquirir outros modos de ver desde a invenção da fotografia e outros modos de ouvir deste o som estéreo e principalmente desde o som computacional. No caso do corpo protético, a simbiose do humano e maquinaico fica mais evidente. Mas, quando uso o termo “biocibernético”, pretendo chamar atenção para o fato de que as transformações corporais não precisam estar evidentes na superfície dos nossos corpos. Elas são mais profundas e afetam o funcionamento dos nossos sentidos e nossas habilidades mentais. É o uso do

computador e tudo que ele nos proporciona que vem dando origem ao que está sendo chamado de mente distribuída. É nessa direção que caminha o próximo passo das transformações corporais provocadas pelas tecnologias. Elas serão quase inteiramente invisíveis, como é invisível o marca passo, pois elas atuarão no nível da nanotecnologia.

Afirma-se que vivemos na "era das imagens". Que estéticas e iconicidades marcam a cultura e a arte contemporâneas?

R: Discuti a questão da suposta "era da imagem" no meu livro *Linguagens Líquidas* (Ed. Paulus, 2007). A invenção da fotografia, no início do século XIX, seguida pelo cinema, televisão, vídeo, holografia e imagens computacionais, deslocou-nos drasticamente da era gutenberguiana para uma era da imagem, mais especificamente, das imagens técnicas, as quais prefiro chamar de imagens tecnológicas. Entretanto, por volta de meados de 1990, outras novidades tecnológicas colocaram a imagem em um novo ambiente altamente híbrido, o da hipermídia. Esta se caracteriza pela junção do hipertexto com os multimeios, ou seja, misturas de sons, ruídos, imagens de todos os tipos, fixas e animadas. O hipertexto, por sua vez, constitui-se de vínculos não lineares entre fragmentos textuais associativos, interligados por conexões conceituais (campos), indicativas (chaves) ou por metáforas visuais (ícones) que remetem, ao clicar de um botão, de um campo de leitura a outro, em qualquer ponto da informação ou para diversas mensagens, em cascatas simultâneas e interconectadas. O que a emergência dessa revolução produziu foi um novo deslocamento do centro das atenções que migrou da imagem em si para as linguagens hipermidiáticas híbridas. Nessa época, chegou-se a pensar que o apogeu da imagem na superfície da cultura havia cessado. Entretanto, mais uma guinada estava por vir. Esta se deu com o advento das câmeras digitais e os aparelhos celulares dotados de câmeras de boa definição. Entramos com isso em uma era que chamo de fotomania. Mas a força da hipermídia continua inquebrantável nas redes. Conclusão, creio que vivemos muito mais um período de misturas inconsúteis de linguagens, onde todas têm o seu lugar ao sol. As mídias estão abertas para todas elas. Basta ver a revolução que as redes digitais trouxeram para a música.

Como a senhora caracterizaria a condição pós-humana? Em que o humano/humanismo foi "superado"?

R: Não se trata de superação, mas de evolução, sem a ideia equivocada de determinismo tecnológico. Em primeiro lugar, há que se considerar que a questão tem uma raiz filosófica que vem de Sartre e, principalmente, de Heidegger. (Veja-se o 1º. capítulo do meu livro *Ecologia pluralista da comunicação*, Ed. Paulus, 2010, no qual

discuto longamente essa questão). Esses filósofos já refletiram sobre a necessidade de uma crítica ao humanismo tradicional em prol de um transhumanismo. O problema intensificou-se com a complexificação das tecnologias que são, certamente hoje, tecnologias da inteligência. A simbiose do ser humano com os dispositivos inteligentes coloca o humano em um novo limiar para o qual é preciso encontrar um nome. Creio que a expressão "pós-humano" é, na maior parte das vezes, utilizada nesse sentido. Tenho refletido sobre essa questão em um bom número de publicações que já fiz sobre o assunto. Minha intenção é chamar a atenção para o fato de que estamos passando por transformações tão profundas que podem ser equiparadas a um salto antropológico de dimensões muito significativas. Diante disso, temos de repensar o humano em todas as duas dimensões, inclusive a molecular.

Nesse sentido, quais são os fenômenos históricos que passaram a permitir falar de um "pós-humano" ou "pós-humanismo"?

R: Creio que a síntese que nos é fornecida a respeito disso por Pepperell, no seu livro *A condição pós humana* é oportuna para responder essa pergunta. Esse autor emprega o termo pós-humano tanto para se referir ao fato de que nossa visão daquilo que constitui o ser humano está passando por profundas transformações, quanto para apontar para a convergência geral dos organismos com as tecnologias até o ponto de se tornarem indistinguíveis. Para ele, essas tecnologias pós-humanas são: realidade virtual (RV), comunicação global, protética e nanotecnologia, redes neurais, algoritmos genéticos, manipulação genética e vida artificial. As velhas noções do que seja o humano não estão mais dando conta dessas transformações.

O que a senhora entende por "ecologia pluralista" da comunicação e da cultura? Como o conceito de ecologia pode nos ajudar a compreender melhor os fenômenos da comunicação e das mídias?

R: Essa é a grande tese que ando defendendo. Vivemos em um mundo pluralista em muitos aspectos e em muitos sentidos. A principal sinalizadora desse pluralismo tem sido a arte contemporânea. Mas o pluralismo se manifesta em muitas outras esferas da vida social e psíquica, tais como as comunicações, as identidades múltiplas etc. Quanto à metáfora da ecologia, emprego-a porque ela me parece a mais apropriada para dar conta da diversidade semiótica, expressa na mistura de todas as linguagens, que caracteriza o nosso tempo.

A senhora afirma que "se há ser humano, é porque uma tecnologia o fez evoluir a partir do pré-humano". Nesse sentido, como podemos compreender, em linhas gerais, a relação entre ser humano e técnica, natural e artificial?

R: Minha resposta será breve e contundente. Aprendi – à custa de muita reflexão auxiliada por autores que admiro e que estão devidamente citados em meus livros -- que não há divórcio entre a evolução biológica humana e a revolução tecnológica. As principais tecnologias são tecnologias de linguagem, justo aquilo que é constitutivo do humano. A primeira tecnologia está instalada em nosso próprio corpo, o aparelho fonador. Todas as tecnologias de linguagem subseqüentes só vieram expandir essa tecnologia primordial. No ponto em que nos encontramos hoje, com as tecnologias digitais, o que está sendo expandido são as nossas capacidades cerebrais.

A partir da rápida evolução das mídias que assistimos nos últimos anos, que impactos isso pode trazer (ou já está trazendo) para a cognição e a memória humanas?

R: Não só impactos, mas transformações mesmo. Basta a gente prestar atenção nos temas que estão sendo discutidos atualmente: a nova economia da atenção, o design cognitivo, a mente distribuída, o cérebro coletivo, a inteligência planetária. Esses temas são eloquentes.

